ANAIS

IX SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PRÁTICAS RELIGIOSAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

VII SEMINÁRIO DE PESQUISAS DO LERR/UEL

IV SIMPÓSIO REGIONAL SUL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES (ABHR)

VIII COLÓQUIO NACIONAL CULTURA E PODER (UNESPAR)

Laboratório de
Estudos sobre Religiões e Religiosidades (LERR)

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

2021

IMAGINÁRIO E MEDIUNIDADE EM A MONTANHA MÁGICA, DE THOMAS MANN

Gismair Martins Teixeira - PPG Ciências da Religião PUC-GO (PQ)[1]

Resumo: O século XIX foi o momento na historiografia epistêmica do Ocidente em que ocorreu a divisão entre as ciências da natureza e as ciências humanas. Nesse período, campos do saber como a história, a sociologia e a antropologia redefinem rumos e assentam as suas bases epistêmicas. A literatura inicialmente mimetiza a história em suas aspirações de natureza positivista. No entanto, ambas constatam a premência epistemológica de trilharem caminhos próprios. A partir desse etos, a teoria da literatura vai consolidar-se na metade do século XX, gravitando suas diversas correntes em torno do conceito de literariedade formulado por Roman Jakobson. O conceito de intertextualidade, comum à linguística e à literatura e imbricado à formulação jakobsoniana, faculta à literatura a conectividade com outras instâncias do saber que também romperam em grande parte com o positivismo passadista. Exemplo disso é o dialogismo entre a literatura e a antropologia do imaginário de Gilbert Durand. O presente trabalho é um resultado prévio desse diálogo entre a literatura e o imaginário, particularmente o do espiritualismo espírita, tema de pesquisa que ora realizamos em estágio pós-doutoral junto ao PPG de Ciências da Religião da PUC-GO. O objetivo é responder à questão interdisciplinar de como a literatura mediúnica, que por sua própria característica se apresenta como produção escrita religiosa, situa-se na ampla contextualização epistemológica da teoria da literatura. A metodologia empregada é a da pesquisa bibliográfica e, teoricamente, fundamenta-se na bibliografia epistemológica e ficcional da literatura e da antropologia do imaginário durandiano.

Palavras-Chaves: Literatura. Thomas Mann. Imaginário. Mediunidade.

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento epistemológico do Ocidente durante a modernidade conheceu, de início, uma hipertrofia no campo das ciências da natureza (SEVERINO, 2016). O sucesso nas pesquisas em torno da física, da química e da biologia que datam de Francis Bacon, Galileu Galilei, Isaac Newton, Charles Darwin e Auguste Comte, na filosofia, logo se mostrou insatisfatório quando aplicado às complexidades do psiquismo humano (REY, 2005).

Metáforas como darwinismo social, por exemplo, haurida na comparação com as ciências naturais, não davam conta de maneira satisfatória das possibilidades envolvidas nas relações humanas. É nesse contexto que logo se destaca da primeira nebulosa epistemológica, as ciências naturais, as suas congêneres que passaram a ser denominadas de ciências humanas.

[1] Pós-Doutorando em Ciências da Religião pelo PPG da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Doutor em Letras e Linguística pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás. Professor P-IV da Secretaria de Estado da Educação de Goiás, lotado no Centro e Estudo e Pesquisa Ciranda da Arte. E-mail de contato: gismairteixeira@gmail.com

Ainda sob forte influência das ciências da natureza, o novo campo de perquirição epistêmica vai aos poucos ganhando uma dinâmica própria com recursos teórico-metodológicos pensados exclusivamente para a sua atuação (SEVERINO, 2016, p. 118).

A literatura, como objeto de pesquisa, foi influenciada por esse espírito de época epistêmico oitocentista. No século seguinte se desenvolveram campos de pesquisas, como o do imaginário, que ampliaram os horizontes dialógicos da literatura com outros setores do saber humano. Neste estudo, apresentamos um breve recorte da interface entre literatura e imaginário, vinculados pelo fenômeno cultural designado pelo termo *mediunidade*, em importante produção romanesca da historiografia literária do século XX.

LITERATURA E IMAGINÁRIO

O universo da teoria da literatura se impregnou do *zeitgeist* positivista característico do século XIX, conhecendo um momento de conexão e posterior afastamento da filosofia comtiana e sua ascendência paradigmática, conforme ocorreu com a antropologia, a sociologia e a psicologia. Ao analisar o surgimento da crítica literária, polo oposto e complementar ao da criação artística em literatura, o pesquisador francês Jérôme Roger apresenta o contexto epistêmico de que ela emergiu no século XIX em sua profunda vinculação ao positivismo comtiano, numa síntese que abarca outras áreas da então nascente grande área de ciências humanas (ROGER, 2002, p. 34)

Em meados do século XX, pensadores como Gaston Bachelard, Boaventura de Souza Santos, Humberto Maturana, Georg-Hans Gadamer e Carlo Ginzburg, dentre outros, põem definitivamente em xeque a influência marcante das ciências naturais - cuja epistemologia emergiu também na esteira do mecanicismo newtoniano - sobre as demais modalidades de conhecimento. Em suas lacunas, por exemplo, Carlo Ginzburg (1989) propõe o paradigma indiciário em **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história, retomando historicamente o etos em que houve de maneira sistemática a separação entre as duas ciências (GINZBURG, 1989, p. 156).

Nomes que pontificaram nas ciências humanas, porém, ainda se deixaram influenciar, de maneira mais ou menos sutil, por uma abordagem mais ligada às ciências naturais. Exemplo disso pode ser percebido nas ilações do filósofo e escritor francês, Jean-Paul Sartre, que adota para a imaginação o tradicional epíteto de *a louca da casa* quando em comparação com os inegáveis avanços científicos advindos da razão humana, numa postura intelectual fortemente

influenciada pela episteme das ciências da natureza (DURAND, 2012, p. 32).

Em suas pesquisas acerca do imaginário, o teórico francês Gilbert Durand se serve, culturalmente, do aporte epistemológico de diferentes procedências, tais como Karl Marx, Sigmund Freud, Gaston Bachelard, Karl Gustav Jung, dentre outros. Esses pensadores olharam a atividade humana a partir de perspectivas diferentes. Em Marx, o homem é o produto das forças sociais extraordinárias e titânicas que sobre ele atuam. Em Freud, a força que impulsiona o indivíduo no jogo das relações sociais é imanente, está em seu interior e responde pelo nome de libido, com sua manifestação antagônica na expressão sexual humana através de desejo e sua consequente repressão (DURAND, 2012).

Com Gaston Bachelard e Gustav Jung, a noção fenomenológica de imaginário e seu respectivo arquétipo estruturante funciona de forma a enfatizar as observações de Durand na introdução de seu trabalho, quando afirma que para falar com competência acerca do imaginário o pesquisador não pode fiar-se no capricho de sua própria imaginação: "Necessitamos possuir um repertório quase exaustivo do Imaginário normal e patológico em todas as camadas culturais que a história, as mitologias, a etnologia, a lingüistica e as literaturas nos propõem (DURAND, 2012, p. 18)."

É nessa perspectiva ampla que Gilbert Durand define o imaginário e o insere no complexo jogo relacional da cultura humana (2012, p.18), vinculando-o a uma encruzilhada antropológica em que se podem esclarecer dados científicos a partir do dialogismo entre as diversas ciências e culturas. Neste contexto, as culturas espiritualista, espírita e literária estabelecem um profícuo diálogo, conforme pode ser observado a partir do estabelecimento de relação entre o romance **A montanha mágica**, do escritor alemão Thomas Mann, e a fenomênica mediúnica própria do espiritualismo e do espiritismo.

A montanha mágica, de Thomas Mann (2016), foi publicada originalmente em 1924. Cinco anos após a sua publicação, o escritor germânico foi agraciado com o Prêmio Nobel de Literatura. No campo da teoria literária, a obra é considerada como sendo um romance de formação (*bildungsroman*), que é caraterizado pela discursividade em torno da trajetória de vida de personagens que da infância à adolescência vão tornando-se maduros, até a fase adulta, com o *páthos* de acontecimentos mais ou menos traumáticos do destino, contando, ainda, com a figura de preceptores que as orientam (WUNENBURGER; ARAÚJO, 2006, p. 57).

Embora uma definição precisa acerca do *bildungsroman*, formatação romanesca tipicamente alemã (MOISÉS, 2004, p. 56), ainda necessite de mais pesquisas em torno de sua epistemologia e constituição (OLIVEIRA, 2013), e mesmo em função disso, há quem prefira

classificar **A montanha mágica** como sendo uma paródia hutcheniana do etos característico do romance de formação (CALDAS, 2014, p. 108). Em **Uma teoria da paródia**: ensinamentos das formas de arte do século XX, Linda Hutcheon (1989) apresenta uma conceituação de paródia que escapa ao senso comum e mesmo aos dicionários não especializados.

Segundo a pesquisadora canadense, a paródia (HUTCHEON, 1989, p. 47) não se caracterizaria apenas como uma produção burlesca que ridiculariza uma grande obra artística. A etimologia sugere uma outra possibilidade: ela pode ser, também, a retomada de importante produção com a finalidade de homenageá-la, dando-lhe uma sequência e/ou uma nova versão. A retomada que a **Eneida** de Virgílio (2017) faz em relação à **Ilíada** de Homero (2013) constitui um exemplo clássico. A vasta produção de Thomas Mann também apresenta interessante exemplo dessa prática.

Em **Doutor Fausto**: a vida do compositor alemão Adrian Leverkühn narrada por um amigo, o escritor germânico (2000) traz a narrativa em torno do atormentado músico Adrian Leverkühn, que supostamente teria realizado um pacto com o demônio para produzir a composição musical perfeita. Nessa obra se tem uma paródia, conforme o conceito hutcheniano, à peça **Fausto**, escrita por Johann Von Goethe (1997), que também trata de um pacto entre Fausto e Mefistófeles, cujas raízes são rastreáveis no tempo e no espaço, remontando a lendas medievais muito anteriores ao poeta alemão (MEIRA, 1989).

No entanto, grosso modo, o denso romance manniano, **A montanha mágica** (2016), satisfaz ao conceito geral de um *bildungsroman*. Em sua estrutura narrativa o protagonista, Hans Castorp, segue o trajeto da personagem que aos poucos vai tornando-se maduro ao contato dos acontecimentos e das pessoas. Subindo a uma montanha em Davos, Suíça, Castorp intenta visitar seu primo, Joachim Ziemssen, internado no Sanatório Internacional Berghof. O local trata, dentre outros problemas, de patologias respiratórias como a tuberculose, insidiosa moléstia da época em que a narrativa é ambientada.

Com a intenção de passar três semanas em visita ao seu parente, Hans Castorp acaba ficando ali por sete anos como interno, período em que toda uma gama de acontecimentos e relações interpessoais moldarão sua natureza juvenil. Em Settembrini e Naphta, o protagonista de Mann terá dois preceptores, que oferecerão ao jovem uma visão dicotômica de mundo a partir de uma constante disputa ideológica entre o humanismo do primeiro e a escolástica do segundo, um judeu convertido ao cristianismo católico.

Acerca do índice determinante de espacialidade do romance, a montanha, Mircea Eliade (1992), em **O mito do eterno retorno**, apresenta referências antropoculturais e

etnográficas sobre essa formação geológica e seu simbolismo em culturas antípodas no tempo e no espaço, o que configura toda uma arquetipologia em torno da montanha. Sobre o seu simbolismo, afirma o pesquisador das religiões (ELIADE, 1992, p. 23) que ele é representativo da ascensão, caracterizando, ainda, a busca pelo centro. Informa Eliade (1992, p. 23), ainda sobre este aspecto simbólico e topográfico, que "encontramos claros atestados a respeito na literatura medieval, e, ainda que seja apenas por meio de alusões, eles também aparecem em certas obras literárias dos séculos mais recentes."

A montanha mágica constituiria um exemplo incisivo da asserção de Eliade acerca do simbolismo da montanha em obras literárias mais recentes e significativas, numa perspectiva macro-histórica. Gilbert Durand apresentará, sobre o simbolismo característico dessa topografia, uma discursividade homológica à asserção de Mircea Eliade em torno do símbolo ascensional culturalmente vinculado à montanha. Em sua diairética, o pesquisador francês vai situá-la como sendo uma das representações fundamentais da simbologia da ascensão, que sucede a uma queda espiritual ontogenética:

> [...] os símbolos ascensionais aparecem-nos marcados pela preocupação da reconquista de uma potência perdida, de um tônus degradado pela queda. Essa reconquista pode manifestar-se de três maneiras muito próximas, ligadas por numerosos símbolos ambíguos e intermediários: pode ser ascensão ou ereção rumo a um espaço metafísico, para além do tempo, de que a verticalidade da escada, dos bétilos e das montanhas sagradas é o símbolo mais corrente (DURAND, 2012, p. 145).

É nesse espaço impregnado de extraordinária simbologia no campo do imaginário que Thomas Mann localiza o herói do seu romance de formação, Hans Castorp. Na sequência da narrativa, que cobre o período de sete anos no espaço montanhoso de Davos-Plat, diversos episódios carregados de possíveis leituras durandianas são apresentados ao leitor. Elementos dos regimes tanto diurno quanto noturno da imagem, elencados pelo pesquisador francês (DURAND, 2012), são trazidos à fruição de quem lê, demonstrando sua incidência sobre a performance educacional de Castorp, que redundará em inusitada atitude que finaliza o romance.

Davos-Plat, nos Alpes Suíços, apresenta, por exemplo, um clima bastante peculiar, marcado por extensos períodos de neve, que influencia o humor dos pacientes do sanatório Berghof. O efeito climático sobre a disposição das personagens é explorado por Mann com uma verve motivadora de reflexões de fundo psicológico tanto em Castorp quanto em outras personagens da trama. Em capítulo específico, intitulado justamente de "Neve", o leitor acompanha o drama do protagonista que é surpreendido, em passeio proibido pela

administração do hospital, por uma tempestade de neve que quase lhe ceifa a vida (MANN, 2016, p. 538).

Gilbert Durand informa em seu trabalho que a água representa no contexto do imaginário um arquétipo condensador de intenções purificadoras (2012, p. 172). A neve funciona como um derivativo da água que purifica, imagem comum a religiões como o cristianismo e o hinduísmo (2012, p. 173). Registra o pesquisador da Universidade de Grenoble: "Essa água lustral por excelência que é a neve purifica pela brancura e pelo frio, [...] A água lustral é a água que faz viver para além do pecado a carne e a condição mortal (DURAND, 20012, p. 173)."

Após sobreviver à morte na montanha pejada de neve, Hans Castorp inicia uma série de reflexões em torno da vida e da morte. Durante o transe decisivo, quando a nevasca o castigava de maneira intensa, ele mergulha em um fantástico sonho lúcido em que contempla o espetáculo de uma ilha paradisíaca, cujos habitantes ali viviam de maneira edênica. Todavia, seu sonho se desdobra, projetando-o a um templo secreto da ilha, onde pôde observar a horrenda figura de duas bruxas grisalhas a sacrificarem bela criança loura para devorarem as suas carnes com finalidades macabras e ritualísticas (MANN, 2016, p. 568).

Este recorte da narrativa apresenta singularidades culturais bastante peculiares, remissivas às ilações e assertivas do antropólogo Clifford Geertz em **A interpretação das culturas**, quando apresenta a figura de bruxas e feiticeiras que devoram crianças como parte integrante do sistema cultural de religiões e etnias, como a balinesa, em ritos que são encenados em representações teatrais (GEERTZ, 2008, p. 83) evocativas da descrição do sonho de Castorp, numa perspectiva cultural de cunho semiótico, segundo a conceituação do antropólogo estadunidense (2008, p. 4).

Definida como sendo a ciência dos signos e de todas as linguagens (SANTAELLA, 1983, p. 5), a semiótica integra estruturas diferentes num mesmo processo comunicacional, desdobrando-se na intersemiose, que muitas vezes se expressa em intertextualidades e seu mosaico de citações (KRISTEVA, 2005, p. 68). Afirma a pesquisadora Santaella acerca do cineasta soviético, Sergei Eisenstein, notável precursor da intersemiose:

> Essa intersemiose [de Eisenstein] está expressa na preocupação com a origem dos sistemas de signos, na presença da literatura em suas reflexões sobre o cinema, na sua prática do teatro e nos estudos das diversas artes, notadamente a pintura em sua relação com o cinema, assim como os experimentos, ainda no cinema mudo, com os efeitos de som-imagem e na influência de um instigante conhecimento do ideograma japonês e chinês sobre sua técnica de montagem cinematográfica, além do conhecimento do teatro Kabuki e

> estampa japonesa, tudo isso culminando numa constante preocupação com a síntese entre ciência e arte (SANTAELLA, 1983, p. 46).

A exemplo de Eisenstein, o cineasta japonês Akira Kurosawa apresenta em sua produção fílmica, **Sonhos** (1990), instigante imbricamento semiótico conducente, respectivamente, ao intertexto e à intersemiose com o enredo de **A montanha mágica**. Em *Nevasca*, uma das histórias de **Sonhos**, Kurosawa (1990) apresenta uma história singular, intertextual e intersemiótica com o relato de Mann em torno do incidente de Hans Castorp na neve. O diretor nipônico apresenta um grupo que se perde em meio a uma intensa nevasca em uma montanha japonesa. Um de seus membros é visitado por estranha figura feminina, lendária bruxa da morte, que lhe afirma que o gelo e o frio podem ser confortáveis (KUROSAWA, 1990). Por sua vez, Hans Castorp, ao despertar do inusitado estado onírico em que contempla ambas as bruxas, que o olharam de volta, refletirá acerca da morte: “Em virtude da bondade e do amor o ser humano não deve conceder à morte poder algum sobre seus pensamentos (MANN, 2016, p. 570).”

Esta reflexão do jovem Hans Castorp se configura como uma síntese que o personagem realiza em torno de sua formação ao contato das demais personagens que o influenciaram com suas idiossincrasias. Suas ilações neste contexto antecipam, em termos exegéticos, a impregnação do imaginário espiritualista espírita que se instaura narrativamente nos capítulos finais do romance manniano, configurando uma encruzilhada antropológica de imaginários, o espiritual e o literário, das asserções durandianas (DURAND, 2012, p. 18).

A MONTANHA MÁGICA E O ETOS MEDIÚNICO

A narrativa de **A montanha mágica** apresenta a relação que se estreita entre os primos Joaquim Ziemssen e Hans Castorp ao longo dos anos que vão sucedendo-se no ambiente do castelo Berghof, que funciona como amplo hospital cosmopolita, cujos pacientes procedem de diferentes rincões da Europa e da América. Como é bastante comum nas histórias de hospitais com internação prolongada, a fuga de pacientes era uma constante, assim como o abandono de tratamento, que na maioria dos casos se arrastava por longo tempo.

Joachim Ziemssen tinha a carreira militar como vocação. Iniciara-se nela, mas tivera de retornar a Davos-Plat para tratar de problemas respiratórios. Cansado de esperar por um diagnóstico de melhora que nunca chegava, abandona a terapia e desce a montanha para integrar-se às forças militares da Alemanha. Passado algum tempo, retorna com o quadro de saúde agravado. Após certo período de tratamento intensivo, vem a óbito de uma maneira

surpreendentemente resignada (MANN, 2016, p. 618).

Naturalmente, Hans Castorp se ressente do falecimento do primo. No entanto, permanece internado. O tempo escoa lentamente. Palestras, passeios, saraus e jogos entre os internos são realizados com frequência para minorar o tédio que por vezes toma conta do grupo de pessoas que vivem ali. Diversos modismos são adotados, para logo em seguida serem abandonados após perderem o atrativo para seus participantes (MANN, 2016, p. 727). Neste contexto, um novo gênero de diversão se instala; a princípio, de maneira insuspeita.

É no capítulo intitulado "Coisas muito questionáveis" que Thomas Mann traz ao protagonismo o imaginário espiritualista espírita. E o faz de forma bastante didática e contextual, do ponto de visto histórico, conforme veremos logo mais. De início, menciona o novo divertimento que empolga os pacientes do Berghof. São jogos de esconder realizados à noite, quando os participantes da atividade lúdica têm a função de adivinhar o que se passa em locais contíguos aos em que se encontram (MANN, 2016, p. 758).

Os jogos de adivinhação, que passaram a fazer parte da rotina dos internos, chamou a atenção para a figura de uma jovenzinha dinamarquesa, Ellen Brand, cuja habilidade para decifrar os enigmas propostos nos saraus se mostrou espantosa. Instada a confessar a maneira pela qual conseguia realizar suas proezas, sob uma cortês acusação de trapaça, Brand revela seu segredo: ela ouvia vozes que lhe forneciam as respostas corretas, apontando-lhe objetos escondidos, dentre outras soluções para o que era proposto ao divertimento de todos (MANN, 2016, p. 759).

A partir do momento em que traz para o microcosmo do castelo-hospital a referência aos fenômenos insólitos inicialmente mesclados com a diversão, Thomas Mann apreende em poucos parágrafos décadas de um contexto historiográfico em torno da fenomênica espiritual de cuja nebulosa espiritualista se destacaria o espiritismo, doutrina sistematizada por Allan Kardec, criador da taxonomia espírita que a distingue das demais correntes espiritualistas de seu tempo e, naturalmente, do futuro (PRANDI, 2012, p. 38). A certidão de nascimento do espiritismo é a publicação da obra **O livro dos espíritos**, por Allan Kardec (2013), pseudônimo do pedagogo francês Hippolyte Léon Denizard Rivail, em 18 de abril de 1857, que de cético passou a estudioso dos fenômenos mediúnicos.

Ao escrever sobre o espiritismo na Europa e no Brasil, a historiadora Mary Del Priore informa em **Do outro lado:** a história do sobrenatural e do espiritismo, que os primeiros momentos de ampla manifestação mediúnica no Novo e no Velho Mundo foram caracterizados, a princípio, pela interação frívola entre a assistência e o suposto mundo espiritual que se

manifestava por meio de batidas em paredes, chão e teto, manifestando-se também àqueles que se reuniam ao redor de uma mesa volante (PRIORE, 2014, p. 29).

Segundo Priore, importantes personalidades da cultura europeia tiveram contato com o insólito fenômeno sobrenatural das mesas volantes, ou girantes, destacando nesse elenco a figura do renomado escritor Victor Hugo, ícone do romantismo francês e universal (2014, p. 30). No conjunto do capital pensado (DURAND, 2012, p. 18) que constitui o imaginário espírita, o escritor francês, Victor Hugo, assumiria papéis futuros que merecem, ainda, um olhar investigativo por parte de campos diversos da pesquisa acadêmica, como a história e as letras.

Nesse contexto, Victor Hugo voltaria décadas depois como alma do outro mundo para escrever um conjunto expressivo de romances espíritas pela psicografia de médiuns brasileiros, como Zilda Gama e Divaldo Pereira Franco. Zilda Gama seria uma reencarnação da filha de Hugo, segundo informações do médium Divaldo Franco (SCHUBERT, 1989, p. 89). Outro índice da relação de Victor Hugo com o espiritismo pode ser estudado nos diálogos do romancista francês com o além, que foram registrados em atas lavradas em cadernos que passaram à posteridade, e podem ser conferidos na obra **O livro das mesas**: as sessões espíritas da ilha de Jersey (BOIVIN, 2018), traduzido ao português no ano de 2018.

Outro representativo nome da literatura, o escocês Arthur Conan Doyle, pai literário da icônica personagem policialesca, Sherlock Holmes, torna-se espiritualista após minuciosas pesquisas que remetem à narrativa manniana (DOYLE, 1980) em torno do contexto com que a jovem médium escocesa é apresentada em seu romance. Holmes escreveria uma obra de registro histórico, que no Brasil foi traduzida com o título de **História do espiritismo** (2008), em que relata sumariamente a biografia de vários médiuns, numa perspectiva que evoca o contexto sobrenatural em que Thomas Mann se baseou para a narrativa em torno da sessão mediúnica que descreve em **A montanha mágica**.

Sobre o envolvimento do escritor germânico com os fenômenos paranormais, o registro cultural alemão do ano de 1922 aponta que Mann participou de sessões mediúnicas no dia 20 de dezembro daquele ano e mais duas em janeiro de 1923, ocasiões em que pôde assistir a manifestações que, a princípio, não o convenceram suficientemente das realidades de além-túmulo (JACKSON, 2015). Ao que parece, todavia, suas hesitações em torno do fenômeno em si não o impediram de utilizar sua experiência na composição de impressionante cena de seu denso romance.

Na narrativa de **A montanha mágica**, a jovem médium escocesa é apresentada minuciosamente em caracteres que remetem a outros sensitivos famosos, como o escocês

Daniel Dunglas Home, biografado como alguém de saúde fragilizada e caráter dócil (DOYLE, 2008). Assim a descreve Mann (2016, p. 758): "Elly era frágil, bastante frágil e claramente anêmica, embora tão gentil que as pessoas sentiam vontade de lhe pôr a mão nos cabelos louros, o que o conselheiro fazia mesmo regularmente, quando falava com ela na sala de refeições."

Essa fragilidade, no entanto, não impedia que Brand fosse dotada de excepcionais faculdades mediúnicas, cujas características fenomênicas são apresentadas pelo narrador numa perspectiva extraordinariamente homológica às de pesquisadores consagrados nesse gênero de matéria, como William Crookes, que em **Fatos espíritas** (CROOKES, 1971) apresenta relatos de suas experiências de materialização com a médium britânica Florence Cook, que servia de doadora de uma energia denominada de ectoplasma (PRANDI, 2012, p. 60) para a materialização do espírito de uma jovem chamada Katie King.

Em **Fatos espíritas**, William Crookes (1971) elenca pesquisadores de diversas áreas do conhecimento que se detiveram sobre os fenômenos mediúnicos. Atento à particularidade de pesquisadores dos mais diversos ramos do saber realizarem investigações junto a renomados sensitivos, Thomas Mann traz em seu romance a figura do Dr. Krokowski, médico assistente do sanatório, que estava bastante familiarizado com o etos mediúnico do espiritualismo espírita de fins do século XIX e início do século XX. Na condição de representante da ciência, passa ele a conduzir as sessões mediúnicas de Elly Brand, em que insólitos acontecimentos são fartamente testemunhados:

> Ouviu dizer [Hans Castorp] que o Dr. Krokowski, no seu subterrâneo analítico, organizava sessões com Ellen Brand, às quais era admitida uma parte seleta dos pensionistas. Mas o jovem declinou do convite com indiferença, o que naturalmente não impedia que os componentes da roda e o próprio Dr. Krokowski o mantivessem mais ou menos a par dos êxitos alcançados no curso das suas experiências. [...] O erudito diretor dessas experiências achava-se na feliz situação de saber designar tais proezas por um nome grego cheio de decoro científico. Tratava-se, segundo explanava nas suas conferências e em colóquios particulares, de fenômenos telecinéticos, de casos de levitação. O doutor classificava-os numa categoria que recebera da ciência o nome de "materializações". [...] O estado sonambúlico e a constituição mediúnica deviam ser considerados a fonte dessas projeções, que tinham de ser qualificadas como representações oníricas objetivadas, uma vez que nelas agia uma faculdade ideoplástica da natureza. Sob certas condições, o pensamento era capaz de atrair a matéria e de configurar-se nela, adquirindo uma realidade efêmera. Essa matéria emanava do corpo do médium, para adquirir, fora dele, a forma transitória de extremidades biologicamente vivas, como tentáculos ou mãos, que justamente efetuavam insignificâncias admiráveis, como essas que os convidados presenciaram no laboratório do Dr. Krokowski. Às vezes esses membros eram visíveis e palpáveis, e suas formas podiam ser conservadas em parafina ou gesso. Em outros casos, porém, seu desenvolvimento não se limitava a isso. Diante dos olhos das pessoas que

> faziam as experiências, e a fim de entabular relações com elas, surgiam cabeças, semblantes de homens com feições individuais, fantasmas de corpo inteiro... (MANN, 2016, p. 772).

Instado por outros pacientes do Berghof, que lhe relatavam outros acontecimentos extraordinários, como a materialização da cabeça do guia espiritual de Ellen Brand, denominado Holger (MANN, 2016, p. 762), Hans Castorp, que se mantivera indiferente até então às proezas mediúnicas que agitavam o castelo-hospital, resolve aceder ao convite para assistir a uma das sessões comandadas pelo Dr. Krokowski. Seus interlocutores informam a ele que em transe a jovem médium prometera a materialização de qualquer defunto que fosse solicitado pelo círculo mediúnico (MANN, 2016, p.775). Ainda assim, o jovem hesita:

> Qualquer falecido? Mesmo assim, Hans Castorp persistiu na sua atitude negativa. Mas o fato de se poder chamar qualquer falecido continuou a absorvê-lo durante os três dias seguintes, a ponto de chegar a decisões completamente opostas. No fundo não foram os dias, senão apenas alguns minutos que o demoveram a um tal resultado. A mudança de opinião realizou-se a uma hora solitária da noite, no salão de música, enquanto ele ouvia mais uma vez aquele disco ao qual a personalidade ultrassimpática de Valentim imprimira seu cunho peculiar. Sentado na sua cadeira, Hans Castorp ouviu aquela prece guerreira, despedida de um homem de valor, que o impulsionava ao campo da honra, e ele a cantar: "E se Deus me chama às alturas celestes, a ti voltarei os meus olhos, fiel, oh Margarete!" Como acontecia sempre que tocava essa ária, sentiu-se possuído de uma veemente emoção, que dessa vez, aumentada por certas possibilidades, se condensou a ponto de transformar-se em desejo. E ele pensou: "Pecaminoso e ocioso, ou não, em todo caso viria a ser algo gentil e inusitado, uma aventura amável. *E ele, caso tenha a ver com isso, não me guardará rancor, se o conheço bem*". Lembrou-se então da maneira amável e displicente como fora pronunciada a resposta: "Pois não!", nas trevas do gabinete de radioscopia, quando achara necessário pedir licença para certas indiscrições ópticas (MANN, 2016, p. 775; grifo nosso).

O trecho em destaque evidencia que Hans Castorp pensara na possibilidade de rever materializado mediunicamente o primo falecido há algum tempo naquele mesmo hospital onde se encontrava. Fisgado, assim, pela curiosidade, resolve participar daquela sessão que prometia ser memorável. Thomas Mann, de fato, vai compô-la nestes termos, descendo a minudências procedimentais à Crookes ao descrever relevantes aspectos como, por exemplo, a importância da iluminação correta, que pode interferir nas energias espirituais postas em movimento para a ocorrência dos efeitos físicos de intercâmbio entre a esfera espiritual e a sua congênere física (MANN, 2016, p. 779).

Após uma minuciosa narrativa em torno do andamento dos trabalhos mediúnicos já iniciados, o dirigente da sessão faz referência à promessa de Holger, o guia espiritual de Brand, de que traria qualquer defunto solicitado por alguém da assistência. Todos hesitam, mostrando-

se receosos de levarem a experiência a esse nível. Castorp também se mostra hesitante. Diante da indecisão geral, no entanto, ele avança e diz que gostaria de ver seu primo, Joachim Ziemssen, o que satisfaz a todos, já que a maioria dos presentes à reunião haviam conhecido o jovem militar já falecido (MANN, 2016, p. 782).

Thomas Mann relata o inusitado desfecho da sessão espiritual de efeitos físicos no ambiente daquele castelo no alto da montanha mágica, não sem antes informar que a reunião durara cerca de duas horas, com um pequeno intervalo para descanso, cujo retorno e encerramento se dá com a materialização de Joachim Ziemssen e a surpreendente reação de seu primo:

> Hans Castorp estava ocupado com Elly [ficara incumbido de assessorá-la]. A rapariga corcoveava, lutava por aspirar pela garganta angustiada. A seguir entrou em colapso, com um suspiro, e daí por diante permaneceu imóvel. Hans Castorp, desassossegado, estava se curvando por cima dela, quando ouviu a voz chorosa e pipilante da Stöhr, que disse: - Ziem... ssen!. O jovem não se aprumou. Sentiu na boca um amargo. Ouviu uma outra voz profunda e fria, que replicava: - Já faz tempo que o vejo! - O disco chegara a seu fim. Perdera-se no ar o derradeiro acorde dos sopros. Mas ninguém fez o aparelho parar. Chiando em vão através do silêncio, a agulha prosseguia a percorrer a parte central do disco. Então Hans Castorp levantou a cabeça, e seus olhos, sem necessidade de procurar, tomaram a direção certa. Havia no aposento uma pessoa mais. Ali, a alguma distância do grupo, nos fundos do gabinete, no ponto em que os restos da luz vermelha quase se confundiam com a escuridão, de modo que a vista mal avançava até ele, ali entre o lado comprido da escrivaninha e o biombo, sentado na poltrona dos pacientes do médico, que Elly ocupara durante o intervalo, estava Joachim. Era Joachim, com as sombras das faces encovadas e com a barba de guerreiro dos seus últimos dias, essa barba em meio à qual ressaltavam os lábios, cheios e altivos. Recostava-se ao espaldar e tinha uma perna cruzada sobre a outra. Não obstante o abrigo da cabeça, que lhe obscurecia as feições, distinguia-se novamente no seu rosto o cunho do sofrimento, bem como aquela expressão grave, austera, que lhe conferira tanta beleza viril. Duas rugas sulcavam a testa entre os olhos afundados nas órbitas ossudas; mas isso não diminuía a brandura do olhar desses olhos belos, grandes, escuros, que se dirigiam, numa interrogação calma e amistosa, para Hans Castorp, e só para ele. Sua pequena aflição de tempos passados – as orelhas de abano – continuava perceptível sob o abrigo da cabeça, esse abrigo estranho que ninguém sabia explicar. O primo Joachim não estava à paisana. Um sabre, cujo punho segurava com as duas mãos, parecia encostado na coxa da perna cruzada. Na cintura podia-se distinguir um coldre. Mas aquilo que trazia não era um verdadeiro uniforme. Nada nele era brilhante nem colorido. Era uma espécie de túnica, de gola virada e com bolsos laterais. Na parte inferior do peito achava-se uma cruz. Os pés de Joachim pareciam bastante grandes e as pernas, muito finas; estavam enroladas em grevas, o que lhes dava um aspecto desportivo antes que militar. E que significava aquele abrigo da cabeça? Tinha-se a impressão de que Joaquim se cobrira com uma marmita de soldado, com uma panela de cozinha que fixara sob o queixo por meio da jugular. Mas, coisa estranha!, aquilo lhe emprestava ares antigos, de lansquenete, e essa marcialidade assentava-lhe bem. [...]

> Durante um momento, seu estômago pareceu a ponto de revoltar-se. Sua garganta contraiu-se, fazendo-o soluçar convulsivamente quatro ou cinco vezes. – Perdoe-me! – murmurou de si para si. Em seguida, seus olhos transbordaram de lágrimas, de modo que não enxergava mais. Ouviu como murmuravam: - Dirija-lhe a palavra. – Ouviu a voz de barítono do dr. Krokowski, em tom solene e ao mesmo tempo jovial, pronunciar-lhe o nome e repetir a solicitação. Em vez de obedecer, Hans Castorp retirou as mãos de debaixo do rosto de Elly e se levantou. Novamente o dr. Krokowski chamou-o pelo nome, agora em tom severo, de admoestação. Mas Hans Castorp já alcançara com poucos passos os degraus da porta de entrada e acendeu, numa manobra rápida, a luz branca do lustre. Ellen Brand sobressaltou-se num choque violento. Torcia-se nos braços de Kleefeld. A poltrona estava vazia. Hans Castorp aproximou-se de Krokowski, que, de pé, protestava. Quis falar, mas palavra alguma lhe saiu dos lábios. Imperioso, e com um gesto brusco da cabeça, estendeu a mão. Depois de receber a chave, moveu-se várias vezes em direção ao rosto do médico; então deu meia-volta e saiu do quarto (MANN, 2016, p. 777-79).

A reação intempestiva de Hans Castorp após a visão de seu primo defunto materializado é significativa no contexto mais amplo da densa narrativa que compõe **A montanha mágica**. Algum tempo depois da extraordinária sessão, o mundo entra na chamada Grande Guerra, a Primeira, preparatória da Segunda Grande Guerra Mundial. Hans Castorp, numa atitude intempestiva, à semelhança da que tivera ao vislumbrar a alma de seu parente querido corporificada momentaneamente, desce em definitivo do castelo Berghof para mergulhar de corpo e alma no grande conflito bélico que se iniciava.

Thomas Mann encerra a sua narrativa com o herói em ação no dantesco campo de batalha, deixando ao leitor a primazia de imaginar o que daí em diante aconteceria ao jovem herói. O que ocorrera, exatamente, naquela sessão espiritualista espírita, no íntimo do rapaz, para fazê-lo abandonar a reunião de maneira indignada e pouco tempo depois ir à luta no grande conflito de maneira tão decidida? Ao longo do romance, Mann nos apresenta um moço pacífico, que admirava a aspiração militar do primo, reconhecendo, todavia, não compartilhar de suas aspirações nessa área (MANN, 2016).

Desejava ele seguir a carreira de engenheiro naval, mas sem as correspondentes ligações dessa atividade profissional com o universo do militarismo. A resposta à metanoia que lhe ocorrera naturalmente se insere no âmbito da exegese literária, podendo, assim, apresentar interpretações variadas e sob diferentes enfoques. Independente, porém, de quais sejam, o certo é que devem passar com um olhar atento sobre a estranha experiência espiritualista espírita que Hans Castorp tivera naquela noite no castelo-hospital de Berghof.

CONCLUSÃO

A sistematização do espiritismo por Allan Kardec na segunda metade do século XIX foi cercada de intensa gama de fenômenos a que ele denominou de mediúnicos, igualmente integrantes do espiritualismo de que a doutrina espírita descende. O indivíduo em torno do qual os fenômenos paranormais ocorrem foi designado por Kardec como "médium" (2013, 2010). Historiadores como Mary Del Priore discorreram extensivamente sobre esse período em que os inusitados fenômenos da mediunidade agitaram a sociedade e a cultura do período pré e pós-Kardec.

Neste estudo, recorte de uma pesquisa mais ampla, trouxemos à consideração o entrecruzamento de dois imaginários, o espiritualista espírita e o literário. Assim, o capital pensado do universo literário, epistemológico e ficcional, e o seu congênere espiritualista espírita a expressar-se pelo fenômeno mediúnico, encontram-se de maneira incisiva no tecido narrativo de **A montanha mágica**, de Thomas Mann, obra fundamental no contexto da literatura mundial do século XX.

Por tratar-se de um romance de formação, cujo gênero se caracteriza por uma série de elementos que apresentam um apelo decisivo na estruturação da personalidade das personagens ao longo da infância e/ou da juventude, o episódio mediúnico sugere importante dado exegético na análise de formação da icônica personagem da literatura alemã do século XX.

REFERÊNCIAS

BOIVIN, Patrice. **Victor Hugo - o livro das mesas**: as sessões espíritas da Ilha de Jersey. Tradução de André Telles. São Paulo: Três Estrelas, 2018.

CALDAS, Pedro Spinola Pereira. O murmurante evocador do passado: *A montanha mágica* e o romance de formação após a Primeira Guerra Mundial. *História da historicidade*, v. 7, n. 16, p. 107-120, dez. 2014.

CROOKES, Willian. **Fatos espíritas**. Tradução de Oscar D'Argonnel. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1971.

DOYLE, Arthur Conan. **História do espiritismo**. Tradução de Júlio Abreu Filho. São Paulo: Editora Pensamento, 2008.

_____.**A nova revelação**. Tradução de Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora FEB, 1980.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário:** introdução à arquetipologia geral. Tradução de Hélder Godinho. São Paulo: Editores WMF Martins Fontes, 2012.

ELIADE, Mircea. **O mito do eterno retorno**. Tradução de José A. Ceschin. São Paulo: Mercuryo, 1992.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhias das Letras, 1989.

GOETHE, Johan Wolfgang von. **Fausto**. Tradução de Geni Klabin Segall. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1997.

HOMERO. **Ilíada**. Tradução de Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Clássicos Companhia das Letras, 2013.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da paródia**: ensinamentos das formas de arte do século XX. Tradução de Tereza Louro Pérez. Lisboa: Edições 70, 1989.

JACKSON, Kevin. **Constelação de gênios**: uma biografia do ano de 1922. Tradução de Camila Mello. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

KARDEC, Allan. **O livro dos espíritos**. Tradução de Guillon Ribeiro. Brasília: FEB, 2013.

_____.**O livro dos médiuns ou guia dos médiuns e dos evocadores**. Tradução de Maria Lucia Alcantara de Carvalho. Rio de Janeiro: CELD, 2010.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. Tradução de Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 2005.

KUROSAWA, Akira. **Sonhos**. Japão: Warner, 1990. DVD. 119 min.

MANN, Thomas. **A montanha mágica**. Tradução de Herbert Caro. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____.**Doutor Fausto**: a vida do compositor alemão Adrian Leverkühn narrada por um amigo. Tradução de Herbert Caro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

MEIRA, Sílvio. **Estudos camonianos e goethianos**. Goiânia: Ed. UFG, 1989.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2004.

OLIVEIRA, Manoela Hoffman. Crítica ao conceito **Bildungsroman**. *Revista Investigações*, vol. 26, n. 1, 2013: 1-39.

PRANDI, Reginaldo. **Os mortos e os vivos**: uma introdução ao espiritismo. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

PRIORE, Mary del. **Do outro lado**: a história do sobrenatural e do espiritismo. São Paulo: Planeta, 2014.

REY, Fernando Luís González. **Pesquisa qualitativa em psicologia**: caminhos e desafios. Tradução de Marcel Aristides Ferrada Silva. São Paulo: Cengage Learning, 2005.

ROGER, Jérôme. **A crítica literária**. Tradução de Rejane Janowitzer. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

SANTAELLA, Lucia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SCHUBERT, Suely Caldas. **O semeador de estrelas**. Salvador: Livraria Espírita Alvorada, 1989.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2016.

VIRGÍLIO. **Eneida**. Tradução de Manuel Odorico Mendes. Monte Cristo Editora, 2017. *Ebook*.

WUNNENBURGER, Jean-Jacques; ARAÚJO, Alberto Filipe. **Educação e imaginário: introdução a uma filosofia do imaginário educacional**. São Paulo: Cortez, 2006.

* * * * * **